

SESSÕES DO PLENÁRIO

44ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 22 de novembro de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADO JURAILTON SANTOS (Ad hoc)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, por mim proposta.

Convido para compor a Mesa: o Ex.^{mo} Sr. Deputado José de Arimateia; a Sr.^a Neusa Cadore, secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, representante do Governo do Estado da Bahia; a Sr.^a Nágila Brito, desembargadora e presidente da Coordenadoria da Mulher, representante da desembargadora Cynthia Maria Pina Resende, atual presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia; a Sr.^a Rogéria Santos, deputada federal e secretária estadual do Mulheres Republicanas; a Sr.^a Ireuda Silva, vereadora e presidente da Comissão da Mulher na Câmara Municipal de Salvador; a Sr.^a Fernanda Lordêlo, secretária de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude, representante do prefeito de Salvador Bruno Reis, prefeito reeleito (risos); a Sr.^a Heloísa Brito, delegada-geral da Polícia Civil do Estado da Bahia. (Palmas)

Convido também para compor a Mesa: a Sr.^a Izabel do Carmo, defensora da 5ª Defensoria Pública de Defesa da Mulher, representante da defensora pública geral Firmiane Venâncio; a Sr.^a Roseli de Santana, tenente-coronela da PM e comandante do Batalhão de Policiamento de Proteção à Mulher, representante do Sr. Paulo Coutinho, comandante-geral da Polícia Militar; a Sr.^a Itaijara Souza, presidente da Associação Mulheres Notáveis; a Sr.^a Marcela Pionorio, secretária do Mulheres Republicanas da cidade de Paulo Afonso, advogada especializada em gestão pública municipal; a Sr.^a Fernanda Cerqueira, diretora municipal da Secretaria de Política para as Mulheres, Infância e Juventude de Salvador; e a Sr.^a Tia Adriana, vereadora do município de Santo Antônio de Jesus. (Palmas)

Convido todos para ouvirem a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado a todos pela presença de cada um dos senhores e das senhoras.

Neste momento, assistiremos a um vídeo que retrata o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

(Procede-se à execução de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Mais uma vez, quero agradecer às jovens que se encontram presentes. Tenho certeza de que irão sair daqui hoje com pensamentos e ideias totalmente diferentes no que diz respeito à violência contra a mulher.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo a palavra à Sr.^a Itaijara Souza, representante da sociedade civil e presidente da Associação Mulheres Notáveis, pelo tempo de 4 minutos. (Palmas)

A Sr.^a ITAIJARA SOUZA: Bom dia a todos e a todas!

Primeiramente, eu gostaria de saudar a Mesa, dar bom dia a todos e agradecer ao deputado Jurailton por eu estar aqui representando a sociedade civil.

Essa é uma causa de todos nós. Infelizmente, sabemos que a violência contra a mulher acomete todas as mulheres, em todas as esferas, em todas as classes sociais. E nós – enquanto sociedade civil – estamos inseridas dentro da comunidade, estamos bem perto daquela mulher a quem nós atendemos, a qual muitas vezes chega lá desesperada, sem saber o que fazer porque está sofrendo e às vezes não tem para onde ser encaminhada. Nós estamos ali, na linha de frente, atendendo aquela mulher, fazendo o encaminhamento para a rede de proteção, para as secretarias que também trabalham com isso, para os centros de referência. Então, nós – enquanto sociedade civil – temos um papel bastante importante no que diz respeito ao combate à violência contra a mulher. Nós não podemos aceitar essa situação.

Hoje, em nossa instituição – a Associação Mulheres Notáveis –, nós já fizemos diversos atendimentos e encaminhamentos às mulheres que chegam lá, muita vezes agredidas por seus maridos, pela questão financeira, por não ter dinheiro para sobreviver. Além disso, também fazemos um trabalho de fortalecimento do empreendedorismo para que essas mulheres, por meio de curso de qualificação e capacitação, possam sair desse vínculo de violência.

O nosso papel é propor cursos de capacitação por meio dos quais essas mulheres aprendam uma profissão, aprendam a empreender, a ganhar dinheiro, a sobreviver, a gerar sua própria economia local e, a partir disso, a ter forças para poder romper com esse ciclo de violência.

Enquanto essas mulheres participam de cursos de capacitação, os seus filhos também são atendidos, porque também trabalhamos com crianças. Nós temos pedagogas que fazem um trabalho importante dentro da nossa instituição, que atendem aquelas crianças, que acolhem aquelas crianças, que fazem um trabalho psicopedagógico para que aquelas crianças não sofram mais, para que aquelas crianças possam superar a violência pela qual também passaram dentro daquela violência familiar.

Então, o nosso papel é importantíssimo. Quero dizer a vocês que estamos aqui para lutar pela erradicação da violência contra a mulher.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, Itaijara, pela sua fala. Tenho certeza de que o seu trabalho está ajudando muitas mulheres, crianças e adolescentes.

Mais uma vez, muito obrigado pela sua presença.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Eu quero agora conceder a palavra para a Sr.^a Marcela Pionorio, secretária do Mulheres Republicanas de Paulo Afonso, advogada especializada em gestão pública municipal, pelo tempo de 4 minutos. (Palmas)

A Sr.^a MARCELA PIONORIO: Bom dia a todas as mulheres presentes.

Me chamo Marcela Pionorio. O meu nome já traz uma luta feminina, não é? Marcela, pequena guerreira; já Pionorio quer dizer justiça e honra. Então, a minha missão é lutar honrosamente por cada uma de vocês – guerreiras, mulheres. Eu venho de Paulo Afonso – BA, do interior, a mais de 400 km daqui, e é uma honra, deputado, estar com todos vocês. Saúdo a Mesa.

Sabemos que a mulher enfrenta diversos desafios na vida, mas eu acredito que a educação é a base de todas as coisas. Enquanto advogada, especializada em gestões públicas municipais, fui a primeira mulher pregoeira em Pernambuco, fui também a primeira mulher pregoeira de Jatobá, em Pernambuco, fui a primeira mulher pregoeira no município de Tacaratu. Para quem não sabe o que é pregão, é o responsável pelas compras públicas para que vocês tenham os medicamentos, os insumos, as ambulâncias, os exames, as mamografias para atender todas vocês.

A partir disso, eu acredito que nós precisamos, deputado e toda sociedade aqui reunida, investir na política pública desde a primeira infância, fortalecer as mulheres para que elas saibam quem são e tenham autoconhecimento, focar na educação para que as mulheres saibam fazer escolhas e possam estar nos cargos públicos, como cada uma de nós está aqui.

Eu passei por um processo político em que sofri violência política, já sofri violência psicológica e financeira. Então, não sou diferente de nenhuma das mulheres que está sentada aí no banco. Mas, eu escolhi lutar por cada uma de nós! Quando eu peguei o meu carro e vim dirigindo de Paulo Afonso, é porque eu acredito que a nossa união faz a diferença. E não é só isso: é necessário lutar pelas mulheres de Paulo Afonso, deputado, que sofrem com a violência obstétrica na nossa cidade.

Infelizmente, no século XXI em que nós estamos, as crianças ainda não têm o direito de nascer na minha cidade. Infelizmente, as mulheres ainda são maltratadas na hora do parto. E eu pergunto às mulheres de Paulo Afonso, mas trago essa pergunta também para vocês: até quando nós mulheres vamos aceitar a violência que estamos sofrendo na sociedade? Ora! Se nós somos maioria, o que nós estamos fazendo? Então, fica uma reflexão para vocês mulheres.

Parabenizo o nosso querido deputado, porque homens fortes são homens que apoiam as mulheres, que abrem espaços como esses para nós lutarmos para eliminarmos essa violência.

Para finalizar, eu quero dizer a cada uma de vocês: vocês são capazes! Vocês são lindas na medida da beleza de cada uma de vocês! Se valorizem e lutem! Lutem

unidas, porque, sim, essa violência precisa acabar e a mulher precisa, sim, ser destaque onde ela quiser.

Obrigada pela oportunidade. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, Dr.^a Marcela, pelas palavras. Eu tenho certeza que motivou. Não motivou, mulheres? Dr.^a Marcela saiu de longe, hein, Dr.^a Marcela? Paulo Afonso é chão, é uma estrada para chegar até aqui, mas quando eu fiz o convite, secretária, a Dr.^a Marcela não pensou duas vezes e disse que estaria presente para lutarmos pela eliminação da violência.

Nós agora vamos acompanhar a exibição de um vídeo da deputada Tia Ju. Ela é baiana, mas é deputada estadual no Rio de Janeiro, faz parte do Mulheres Republicanas nacional e gravou uma mensagem para todas as mulheres da Bahia. Vamos acompanhar.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Essa é a nossa conterrânea, deputada estadual pelo Rio de Janeiro.

(Intervenção fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): É feirense? De Feira de Santana, a Princesinha do Sertão.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo a palavra à Sr.^a Roseli de Santana, comandante do Batalhão de Policiamento de Proteção à Mulher, tenente-coronela que representa o comandante-geral da Polícia Militar Sr. Paulo Coutinho. (Palmas)

A Sr.^a ROSELI DE SANTANA: Bom dia a todos os presentes. Bom dia ao nosso presidente da sessão, deputado Jurailton Santos, parabéns pela iniciativa e por este momento maravilhoso. Obrigada por participar. Saúdo toda a Mesa e todas as mulheres presentes na figura da nossa secretária de Política para as Mulheres, Neusa Cadore, assim como saúdo todos os presentes neste momento no auditório.

A Polícia Militar não podia se furtar a participar de um momento como este. É mais uma instituição que faz parte da rede de proteção e enfrentamento à violência doméstica. Eu não vim de tão longe, de Paulo Afonso como Marcela –, mas meu percurso também é longo. Eu entrei na Polícia em 1992, com 19 anos, e sou participante da primeira turma de oficial feminino da Polícia Militar da Bahia. Pela primeira vez, em 1992, a Polícia deixou ingressar mulheres oficiais nos seus quartéis. E hoje, depois de quase 33 anos de Polícia Militar da Bahia – por favor, não façam contas para saber a minha idade –, depois desse tempo de Polícia Militar, no ano passado, eu tive a honra e a glória de assumir o Batalhão de Policiamento de Proteção à Mulher (palmas), essa temática tão importante, bem como de ser também a primeira mulher na história da Polícia Militar da Bahia a comandar um batalhão depois de quase 200 anos.

É uma honra, mas isso entristece porque percebemos quanto tempo demora uma instituição como a Polícia Militar para fazer de uma mulher comandante de

batalhão: quase 200 anos. E o nosso batalhão é um batalhão muito querido que exerce uma função e uma atividade que, graças a Deus, são acolhidas, aceitas e reconhecidas pela sociedade, porque sabemos como é duro trabalhar com mulheres que são vítimas de violência doméstica, com seus filhos e suas filhas, com toda a família que fica envolvida numa situação como essa.

Lutamos o tempo todo para que as mulheres tenham proteção, para que sejam mais bem-tratadas numa situação como essa, para que não sejam revitimizadas, mas nós pedimos também, neste momento, o apoio dos senhores, de todos os homens, para que lutem junto conosco e que não se esqueçam que as mulheres não podem lutar sozinhas. Até podemos chegar mais rápido sozinhas, mas chegamos muito mais longe quando estamos unidos, quando estamos fortalecidas com os senhores.

Eu finalizo a minha fala citando Jacqueline Rose, que diz o seguinte: (lê) “Ninguém tem a posse total de outra pessoa, a não ser que a mate. Sem dúvida, esse domínio é a própria ilusão que sustenta a perturbada e valorizada versão de masculinidade em oferta. A valentia é uma mentira e cada centímetro de carne morta é testemunha disso. Mas, como acontece com todas as mentiras, para que se perpetue, é preciso que seja incessantemente repetida”. Vamos acabar com essa mentira, gente.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, tenente-coronel Roseli. Desde já, eu te parabeno pela forma que vem atuando na luta pelas mulheres e te agradeço também por ter feito esse sacrifício, esse esforço para estar conosco hoje nesta sessão que estamos realizando sobre um tema tão importante, que é a eliminação da violência contra a mulher. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero convidar para compor a Mesa a Sr.^a Millena Hungria, engenheira civil e mulher republicana do município de Wagner – BA. (Palmas)

Concedo a palavra à Sr.^a Fernanda Lordêlo, secretária de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude, representando o prefeito de Salvador Bruno Reis, reeleito. (Palmas)

A Sr.^a FERNANDA LORDÊLO: Bom dia a todos e todas presentes. Em nome do prefeito Bruno Reis e, aqui, como secretária de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude de Salvador, fico muito honrada pelo projeto... pelo convite, deputado Jurailton. É muito importante termos essa pauta à baila e que tenhamos mais homens participando também dessas discussões. E é muito importante que o senhor esteja à frente dessa proposta.

Saúdo a Mesa nas pessoas do presidente; da deputada federal Rogéria Santos; da vereadora Ireuda Silva; da secretária da Mulher, Neusa Cadore; da Dr.^a Nágila Brito, parceira do Tribunal de Justiça; da nossa Heloísa Brito, delegada-geral da Polícia Civil; da Ten. Cel. Roseli, que está na luta diária lá; da minha diretora de Política para Mulheres, Fernanda Cerqueira – da Infância já é outra –, que está aqui

também; da representante da defensora pública-geral, uma grande parceira nossa também, a Dr.^a Firmiane. Então, muito obrigada. E saúdo a todas essas mulheres que eu não citei, mas que estão representadas por outras grandes mulheres às quais eu fiz referência.

A pauta da mulher é uma pauta muito sensível. E se vocês olharem uma para o lado da outra vão perceber como a gente tem muita coisa em comum. Inclusive, nós sabemos que a pauta tem uma questão... é só o gênero? Não, ela tem cor. A mulher negra é a mulher mais violentada, é a mulher mais violada, desde a violência política, à violência sexual, à violência doméstica e familiar.

Os últimos dados do anuário de segurança pública potencializam setas vermelhas crescentes em todas as violações. Isso é um alerta, deputado, isso é um alerta para que a gente compreenda que, embora tenhamos tantas lutas nas políticas públicas, esses números não param de crescer. Então, precisamos, efetivamente, secretária Neusa, trabalhar de forma muito articulada para que a gente consiga diminuir ainda mais os nossos números.

O prefeito nos deu um grande desafio, e nós conseguimos atingir, que traz um dado muito importante, mas não de comemoração e, sim, de reflexão e de organização quanto a um trabalho. A Patrulha Maria da Penha, vereadora Ireuda, traz um reforço a esse trabalho; o batalhão, ele traz esse reforço, tenente. E a gente tem em Salvador, hoje, uma redução de 56% no número de feminicídios, se compararmos ao mesmo período do ano passado. Isso só é possível, deputada Rogéria, através de um trabalho de continuidade, de um trabalho de mulheres que vieram e que continuam trabalhando.

Eu tenho uma aluna, Analice, que está ali sentadinha... Eu vim da Educação. Eu trabalhava com a questão da violência, centro de cidadania e direitos humanos dentro da Faculdade quando eu recebi esse convite. Então, eu acredito que o mundo se transforma através de formação, educação e conscientização.

Cada uma de vocês aqui é um vetor de transformação dentro da sua casa, porque em Salvador nós somos 54% do eleitorado, nós somos as definidoras do nosso território e nas nossas comunidades somos nós que comandamos todos os espaços.

Então, mulheres, precisamos acreditar na nossa força, na nossa união, e através de programas e projetos sociais – e aí, Itajara! Parabéns pelo Mulheres Notáveis – a gente tem como conceber construções coletivas, como a escuta adequada, sim, da sociedade civil, do Poder Executivo, do Poder Legislativo e do Poder Judiciário. Porque se vocês observarem esta Mesa, ela está composta por todos esses agentes. E ninguém sozinho faz nada, nós precisamos de vocês.

Então, que possamos refletir esse Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher trabalhando efetivamente para que isso aconteça, não julgando, acolhendo e, efetivamente, conhecendo os nossos direitos. É importante que a gente saiba qual é o passo que a gente pode dar.

A Casa da Mulher Brasileira, hoje, é uma realidade. A deputada Rogéria conseguiu, na época, assinaturas para que a gente conseguisse essa implantação. Ela foi implantada já tem 1 ano, foi inaugurada no dia 19 de dezembro de 2023, e já

passaram pela porta de entrada desse equipamento mais de 10.800 mulheres para todos os serviços que envolvem município, estado e sistema de Justiça, aqui representado pelo Ministério Público, Tribunal de Justiça e Defensoria Pública.

Então, percebam a magnitude dessa causa e a importância que nós estamos trazendo para que todos possam conosco trabalhar por ela.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Parabéns, Fernanda, pela sua fala. Desde já agradeço-lhe por você ter atendido ao nosso convite. Muito obrigado, minha amiga, muito obrigado, mesmo, pela sua presença. Leve meu abraço à nossa vice-prefeita, Ana Paula, e ao nosso prefeito, Bruno Reis. Quero te parabenizar, Fernanda, pela sua atuação na SPMJ, na sua luta, no seu esforço e na sua dedicação dentro do que você vem trabalhando.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero registrar a presença do vereador eleito da cidade de Salvador, Kênio Rezende, que está aqui conosco nesta manhã. Obrigado, vereador, pela sua presença; do Sr. Cel. Costa Neto, representante do comando da 6.a Região Militar; do general de divisão André Luiz Aguiar Ribeiro; da Sr.^a Carla dos Santos Martin, gestora do Projeto Mulheres Evolutivas; da Sr.^a Juliana Vitorino, coordenadora da Secult. Obrigado, Juliana, muito obrigado pela sua presença. Quero registrar a presença também da Sr.^a Deise Maciel, coordenadora do Projeto Tangará. (Palmas)

Concedo a palavra à Sr.^a Millena Hungria, engenheira civil e mulher republicana do município de Vagner, pelo tempo de 4 minutos.

Só lembrando às mulheres que vão ter a sua fala que vocês terão 4 minutos. Na hora, vai tocar uma campainhazinha ali para avisar que o tempo acabou, para vocês não ficarem correndo. Quando chegar a hora, eles vão buzinar para alertar que o tempo está finalizando. Mas fique à vontade, Millena.

A Sr.^a MILLENA HUNGRIA: Bom dia a todos.

Gostaria de iniciar minha fala agradecendo, primeiramente, a Deus pela oportunidade de estarmos aqui juntos.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do nosso deputado, nosso querido deputado estadual Jurailton, e dizer que é uma causa muito nobre, sem dúvida. Meus parabéns ao nosso time de deputados, não é? Nosso deputado federal Márcio Marinho, Jurailton, Rogéria.

Fui candidata a prefeita na cidade de Wagner, pelo Partido Republicano, o qual eu escolhi e tenho muito orgulho de participar dele por ser um partido que, realmente, defende as causas nobres da família brasileira, as causas que compactuam com a minha ideologia. E quero dizer a vocês que, realmente, a gente precisa lutar muito para que um dia a gente possa equiparar, ter a igualdade entre homens e mulheres.

Enquanto engenheira civil, trabalho em um campo que é predominantemente masculino, e a gente sabe das dificuldades que as mulheres enfrentam, não apenas

com a violência física, mas a violência psicológica, a moral, dentre outras. Enquanto candidata a prefeita, também passei por situações parecidas, mas em momento algum baixei a cabeça, pois eu sei que enquanto eu me defendo, defendo junto comigo todas as outras mulheres. E é essa causa que a gente leva, pela qual a gente briga, pela qual a gente está aqui para defender!

Eu quero meu deputado, lhe parabenizar, pois apesar de ser homem está aqui defendendo a nós, mulheres, e isso é muito louvável. Conte comigo, conte com o meu trabalho, conte com meu apoio lá na Chapada Diamantina. Tenha a certeza de que a gente vai lutar juntos para que um dia a gente possa bater no peito e dizer que as mulheres não sofrem mais violências e que nós participamos juntos dessa causa.

Muito obrigada, a todos e um excelente dia. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, Millena, parabéns pela sua contribuição. Obrigado por ter saído de tão longe, lá da cidade de Wagner, bem distante, pessoal, fica próxima de Lençóis. Millena, foi uma guerreira, se colocando à disposição do povo de Wagner, representando as mulheres. Muito obrigado, Millena, por ter saído tão cedo da cidade de Wagner, ter vindo aqui, hoje, e prestar o seu apoio a uma causa tão importante como a de que nós estamos tratando hoje.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo a palavra à defensora pública Izabel do Carmo, titular da 5ª Defensoria Pública de Defesa da Mulher, representante da defensora pública-geral do Estado da Bahia, Firmiane Venâncio, pelo tempo de 4 minutos.

Deixe o tempo acabar! As mulheres também, doutora Heloísa, estão bem rápidas, não é? Econômicas, não é? (Risos)

O Sr. José de Arimateia (fora do microfone): São regimentais.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Estou vendo.

A Sr.ª IZABEL DO CARMO: Bom dia, a todas as mulheres aqui presentes.

Primeiro as mulheres hoje, não é gente?

Agradecer ao deputado Jurailton por esta oportunidade, por este momento. É muito importante termos homens aliados a essa luta, não é?

Então, quando a gente vê esse movimento, a gente percebe que é possível trazer mais homens para essa causa. A Defensoria Pública, o art. 134, da Constituição Federal prevê que nós temos como função institucional cuidar dos direitos humanos, e um dos direitos humanos que a gente está discutindo aqui, hoje, é o direito da mulher viver sem violência.

A mulher tem direito, é um direito fundamental que está na nossa Constituição, é um direito humano que as mulheres vivam em paz, em um mundo sem violência, sem mortes, sem mais feminicídios.

Então, eu agradeço muito ao deputado Jurailton por essa oportunidade para conversarmos aqui, mulheres. Eu, vocês, todas essas mulheres que estão nesta Mesa,

nós temos o direito a viver em um mundo sem violência, sem mais feminicídios. Essa é uma das lutas principais da Defensoria Pública, que é lutar pelo pelos direitos humanos; e viver sem violência é um direito humano, é um direito fundamental.

E nesse espectro, a gente precisa muito falar sobre a complexidade do que é lutar pela erradicação da violência contra a mulher, porque o fenômeno da violência é complexo, ele não é simples. Se ele fosse simples, nós encontraríamos soluções fáceis para reduzir a violência. Mas a violência é complexa. E quando eu digo que a violência é um fenômeno complexo é porque a gente vive em uma sociedade que acredita na violência como forma de solução de conflitos. E é muito importante que a gente passe a entender, principalmente os homens aqui presentes e aliados a esta causa, que o diálogo tem que ser a principal forma de solução de conflitos e não a violência.

Então, a gente louva ações como a do Tribunal de Justiça, como o Justiça pela Paz em Casa, que luta pelo ideal de que a gente tem que viver em paz. Então, a gente precisa ser uma sociedade que passe a acreditar na paz como forma de convivência e de solução de conflitos e não na violência. Esse é um dos grandes motes da nossa luta contra a violência doméstica.

E para falar sobre políticas públicas, já conclamando, aqui, o poder público e esta Casa, neste caso representada pelo deputado Jurailton, é importante também que a gente aumente, principalmente no interior do estado, os espaços de acolhimento para as mulheres em situação de violência, porque muitas vezes o ciclo de violência não se acaba porque essa mulher não tem um espaço seguro ao qual recorrer quando ela está num ciclo de violência. Então, esse ponto é muito importante.

Eu fui defensora pública no interior durante 7 anos e muitas vezes a gente precisava pagar uma pousada para uma mulher em situação de violência ir passar uma noite até que ela conseguisse, no dia seguinte, se deslocar para a cidade vizinha ou ter o acolhimento da família, que não morava naquele município. Então, são situações que eu já vivenciei e acompanhei que fazem muita diferença na vida da mulher.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Além disso – só mais um pouquinho –, a gente precisa muito trabalhar na educação antimachista porque também é uma coisa que vai ensinar aos homens outras formas de solução de conflitos que não seja a violência.

Obrigada, deputado, obrigada a todos aqui presentes. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Eu que agradeço pela inauguração, viu? Inaugurou, está vendo? Estava sentindo saudade da buzina. Ninguém vai... (Risos) Muito obrigado.

Gente, eu quero só alertar a vocês, mulheres que estão aqui presentes, e os homens também: vocês estão vendo aqui, na Mesa, uma Mesa de peso, pessoas importantes que, de fato, são sensíveis a esse tema. Então, se você conhece alguém que está sofrendo violência ou, de repente, você... eu queria dizer uma coisa para cada uma das senhoras: vocês não estão sozinhas, vocês não estão sós. Nós temos aqui representações de todos os poderes do estado da Bahia, justamente para mostrar para cada uma de vocês que tem alguém por você, você não vai ficar sozinha: “Ah, eu vou

ficar sofrendo calada porque ninguém é por mim.” Você tem aqui, nesta bancada, aqui, nesta Mesa da Presidência, pessoas que lutam, realmente, de fato, e vão lutar, e vão brigar por cada uma de vocês ou de uma amiga sua que esteja vivendo esse dilema na vida.

A violência, ela não machuca só a pessoa, ela machuca uma família, e ela machuca toda uma geração, vai passando para a filha. Ela fica receosa porque lá atrás a mãe sofreu. Então, ela pensa o seguinte: “Não, eu não vou, não vou casar, não vou viver um relacionamento”, porque ela fica preocupada, com medo, excelência, de no presente acontecer a mesma coisa. Então, no presente, ela fica presa no passado e com medo de no futuro acontecer o que aconteceu com a mãe, com a irmã e com o irmão.

Então, esse é o objetivo desta sessão especial de hoje, nós fazermos alguma coisa realmente concreta para que, de fato, a mulher possa viver em paz. Então, vocês não estão sozinhas nessa luta.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Registrar a presença da Sr.^a Alessandra Rosa Santos, do Projeto Moradia da Bahia.

(As galerias se manifestam com palmas.)

Muito, muito obrigado, Alessandra, pela sua presença, você que também é uma lutadora, viu excelência?, viu secretária?, pela causa, está aqui, pela causa da mulher. Muito obrigado pela presença de cada uma de vocês.

Olha, uma repórter me perguntou recentemente, secretário, e na comissão também eu recebi a mesma pergunta: “Deputado, o quê é que o senhor está fazendo, defendendo, na verdade, se metendo em defender as mulheres? O quê que o senhor está querendo ao se enveredar por esse caminho se o senhor é homem e não tem nada a ver com as mulheres?” E eu disse para ela, deputado José de Arimateia e Dr.^a Heloísa, eu conversava também com ela agora há pouco, que uma coisa é você defender algo por que você gosta, que você acha legal, que você acha bacana. “Ah, eu acho que isso aqui vai me dar visibilidade, defender as mulheres.” Mas, outra coisa é você defender aquilo que você viveu na pele, que você viu acontecer.

Eu vivi isso dentro de casa, eu não estou aqui fazendo... eu tenho vários projetos em defesa da mulher. Eu tenho aqui, nesta Casa, um projeto em que eu pedi o veto para agressores, para que eles não tenham acesso a ocupar cargo de chefia em espaços públicos. É um dos projetos que eu tenho aqui, nesta Casa. Porque quando ele é um agressor, essa mulher vai carregar um trauma enorme dentro dela, o estrago dentro dela é muito grande, e isso quando ela consegue chegar até a Dr.^a Heloísa, que é delegada, ou até a Ronda Maria da Penha. Quando ela não consegue chegar, ela chega até o cemitério. Essa é a grande verdade, infelizmente.

Então, eu não estou aqui defendendo algo porque eu gosto, porque eu vivi isso na minha vida, dentro da minha casa. E eu conversava com a Dr.^a Heloísa, deputado Arimateia, falei: "quando eu casar eu não serei como aquele que teria que ter sido referência para mim e não foi". A minha esposa está ali, secretária, aquela moça

baixinha que está ali. Olha, está vendo ali? Faz assim amor, para o povo te ver. Aí, fique em pé, por gentileza. (Palmas) Ali, ó! Ali é o meu presentinho que Jesus me deu, 2 metros de altura, Dr.^a Heloísa. Eu fico quietinho, viu, meu desembargador?, fico quietinho.

Então, eu tenho porquê estar aqui, não só por ter vivenciado isso no meu dia a dia em casa, mas também por conta de ser um parlamentar e fazer parte da Comissão de Segurança e Direitos Humanos. Então, eu tenho a certeza de que nós vamos fazer muito por vocês, mulheres.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero conceder, também, a palavra à minha amiga – já agradeço pelo convite, sempre atenciosa –, delegada-geral da Polícia Civil do estado da Bahia, Dr.^a Heloísa Campos Brito, (palmas) a primeira mulher, primeira mulher também, tá!, a comandar a Polícia Civil da Bahia. Parabéns, minha amiga.

A Sr.^a HELOÍSA CAMPOS BRITO: Muito obrigada, Sr. Presidente, deputado Jurailton. Obrigada pelo convite.

Bom dia a todas, e alguns todos aqui presentes também. E eu vou avisar logo que eu sou espaçosa, não sei se eu vou conseguir cumprir esses 4 minutos. Mas, deputado, agradecer pelo convite, e em sua pessoa e da nossa secretária Neusa Cadore, saudar toda essa Mesa linda, de mulheres parceiras, batalhadoras. E eu quero lhes dizer do meu orgulho e que vocês me representam. Eu sou uma parte de vocês graças ao que vocês constroem no dia a dia.

E, aí, gente, eu fiquei pensando... porque quando ele me convidou ele não tinha me falado desse golpe dos 4 minutos, viu? Isso veio depois. E, aí, eu fiz uma palestra, um negócio, aqui, todo grande. Falei: "Eu vou começar por onde?" Mas resolvi que eu vou começar contando uma história.

Era segunda-feira, agora, dia 18, e Elaine tinha tomado café, mandado o filho para a escola, tomado banho e vestido uma roupinha para ficar em casa. Ela tinha feito aniversário no dia 12 de setembro, mesmo dia do aniversário do meu marido, e tinha 33 anos. Pensando assim, eu tenho a vida toda aí para construir.

A filha dela, de 15 anos, estava com ela em casa e disse: "Minha mãe, vou tomar banho". Se enrolou na toalha e foi. Ela sentou no sofá para assistir a um desses programas matinais. E Elaine foi surpreendida por Anderson, seu ex-marido, que entrou em casa tranquilamente. Anderson tinha largado o trabalho há, mais ou menos, uma semana. Tinha uma semana que ele estava sem trabalhar. E ele entrou, falou com ela, saudou. Ela sentada estava, sentada ela ficou. Ele, de modo muito tranquilo, sacou um facão e deu um facãozada no tórax de Elaine, que morreu imediatamente, sem conseguir esboçar nenhum movimento de reação. A menina, de 15 anos, saiu desesperada, correndo pela rua, pedindo ajuda. Ele, tranquilamente, largou a arma e saiu.

E eu fiquei pensando... Elaine Fé é o nome desta mulher de 33 anos que foi morta na segunda-feira aqui, em Salvador, no Bairro da Palestina. Uma mulher cheia de sonhos, de esperanças. E essa menina de 15 anos sai seminua pelas ruas, gritando socorro. E o Anderson sai tranquilamente da casa. A polícia é chamada, faz o seu

papel. Nós solicitamos o mandado de prisão, o juiz deferiu, o Judiciário sempre atento, Dr.^a Nágila, e ontem Anderson foi preso.

E eu fiquei pensando, talvez os senhores podem dizer: "Doutora, mas a polícia cumpriu seu papel!" Não, eu não penso assim. Eu penso assim, o que é que eu poderia ter feito de diferente para Elaine não ser morta? Anderson ser preso, para mim, é uma reles consequência.

A minha luta, a nossa luta, a de todos nós, tem que ser para que Elaine não morra, para que a fé que esteja no nome dela, seja colocada em prática, fé de uma vida melhor, fé de uma vida segura, fé de uma vida tranquila. Sabe por que, gente? Porque Elaine faz parte de um índice estatístico no qual, nós mulheres, na faixa de 19 a 35 anos, somos a maioria mortas nessa idade, mulheres em plena idade produtiva, cheias de sonhos, de anseios e iniciando a vida.

Elaine foi morta no ambiente onde a gente se considera mais segura, onde quase 70% das nossas mulheres são mortas, nas nossas residências. Elaine foi morta, como disse a secretária Fernanda, por ser também uma mulher preta, porque 77% das mulheres que foram vítimas de violência, neste ano, são pretas.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Deem a mim só mais 1 minutinho. Elaine foi morta na segunda-feira, de manhã. Mais de 50% das nossas mortes acontecem no final de semana e na segunda-feira, em razão do uso da bebida, em razão do homem ficar mais disponível, mais próximo.

O nosso desafio é como a gente muda esse quadro, como eu faço para que essa história de Elaine não se repita mais? Nós temos vários mecanismos de proteção, nós temos várias coisas que estão sendo implementadas e, momentos como este, deputado, são importantíssimos, porque essa guerra só se vence com a junção de todos, homens e mulheres, principalmente nós mulheres, mudando o comportamento dos nossos meninos, dos nossos amigos, dos nossos companheiros. (Palmas)

Mulheres, amigas, colegas, não aceitem nenhum tipo de violência. Quando a violência física chega, ela já passou pela violência psicológica, nós somos atemorizadas; pela violência moral, nós somos chamadas de burras; pela violência patrimonial, não temos direito aos nossos objetos de trabalho, nem ao dinheiro que a gente recebe do nosso trabalho; nós somos violentadas sexualmente, isso acaba implodindo no físico, e quando chega ao físico, a nossa alma já está destrozada.

O meu pedido e o meu convite a todos e a todas é para mudarmos o ditado popular, pois em briga de marido e mulher, mete-se a colher, sim, meta a colher. Vamos agir todos juntos, porque, só assim, com essa comunhão de esforço, Elaine e o tantas outras mulheres, as 86 que já morreram neste ano, terão uma possibilidade de uma vida melhor ou, pelo menos, de viver.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, Dr.^a Heloísa, pela sua fala pertinente, precisa e objetiva. Muito obrigado mesmo pela sua presença.

Quero registrar as presenças da coordenadora do projeto Sons do Bem, Carla, obrigado pela sua presença; e da pastora Valéria, da Igreja Paes e Vida, que também

atua em defesa, ajudando sempre as mulheres, muito obrigado pela sua presença. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton santos): Quero conceder a palavra, agora, à presidente da Comissão Permanente de Defesa dos Direitos da Mulher, na Câmara Municipal de Salvador, a vereadora Ireuda Silva. (Palmas)

A Sr.ª IREUDA SILVA: Bom, pessoal, antes de eu dar bom dia para vocês, tardem bem esse relógio, quando chegar minha vez, façam o favor. (Risos)

Bom dia a todos. Deputado, eu gostaria que o senhor seja tido como exemplo dentro desta Casa porque nós precisamos de pessoas que tenham consciência do que representa esse tema. Não são apenas 21 dias de ativismo, 16 dias de ativismo, é muito mais do que isso. Então, que Deus prolongue os seus dias, abençoe o seu ministério como deputado, e muito obrigado por se preocupar com a nossa causa, a causa das mulheres.

Quero cumprimentar a Mesa, na pessoa da minha querida deputada Rogéria Santos e agradecer todas as mulheres por estarem aqui. Saibam que eu estou me sentindo muito bem e honrada. Eu fiquei me olhando no espelho várias vezes e: “ah, hoje eu vou estar ali com mulheres lindas, maravilhosas”. Eu vim para cá com muito prazer. Muito obrigada.

Agora que começa o meu tempo, não é, deputado?

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): É agora que começa o seu tempo. (Risos)

A Sr.ª IREUDA SILVA: Agora que começa o meu tempo.

Pessoal, falar de violência doméstica é como falar de uma destruição que deixa rastros. Eu estou aqui hoje como mulher preta, em condições de falar sobre isso, primeiro, porque fui criada em um lar de total violência, e vocês não têm a capacidade de imaginar o que eu passava quando criança, desde 5 ou 6 anos, vendo meu pai agredir a minha mãe.

Eu vou fazer um gesto e eu gostaria que vocês não viessem a rir: é como minha mãe ficava. Ela começou com um problema, ela entortava o pescoço assim, e ninguém sabia o que era, era o sistema nervoso alteradíssimo por receber em casa o marido, sendo mãe de seis filhos, um homem que chegava às 11 horas da noite em casa, à meia-noite, vindo de farras com as amantes, um homem bem-sucedido financeiramente, mas que tratava a mulher como lixo.

E isso não é nenhuma novidade nos dias de hoje, porque eu me atrevo a dizer com total segurança que aqui tem mulheres que sofrem violência. Hoje, quando você conversa com cinco, seis, sete, dez mulheres, dentre elas, oito mulheres estão sofrendo violência doméstica. Isso sem nenhum exagero, porque violência doméstica não é quando acontecem as vias de fato ou o feminicídio.

Nós temos aí “n” fatores. Não temos tempo aqui para discutir isso, porque são muitas mulheres que vêm aqui para dar o seu exemplo. Eu, como mulher preta, filha

de família de homem e mulher pretos, já trazia o que a secretária da SPMJ colocou aqui: “Isso é um ponto no qual mais se agrava porque há um desfavorecimento.

O meu pai, pessoal, chegava em casa, a minha mãe fazia comida, esquentava-a para ele, e com 2 minutos o prato batia na parede. A gente acordava desorientada, eu era depressiva. O agressor apenas se satisfaz em agredir a mulher, provando que ele é dono, que ele é o máximo, e ele não tem a responsabilidade de saber o que causa a uma família, como causou a mim.

Eu tinha desejo de suicídio, eu tinha ódio da minha mãe, por quê? porque com 7 anos eu entendia que mulher não podia apanhar de homem. Eu tinha aversão a policiais, por quê? porque o meu pai era um homem comum, e era um homem impositor, que chegava em casa com o máximo de autoridade e todos os filhos corriam para ficar num lugar e a minha mãe perdia o brilho do rosto quando ele chegava. Então, eu entendia que se ele, que não era nenhuma autoridade, era assim, o que iria acontecer se eu viesse a namorar ou casar com um policial? Então, eu tinha aversão à justiça porque eu achava que a justiça fazia muito pior e que era de direito o homem agredir mulher, porque eu fui criada em um lar, pessoal, onde o meu pai não respeitava um filho. E se eu te falar que ele não me agredia? ele não me agredia, e por isso eu odiava a minha mãe, porque eu entendia que ela tinha que sair de casa e que ela não tinha que passar por aquilo.

Mas por que essa mulher sofria dessa forma? porque ela tinha os seus filhos. E você sabe por que ela dizia que não ia sair de casa? porque ela dizia que ela tinha que ter cuidado com a filha dela de 7 anos _ de 8, 9, 10 anos, à medida que eu fui crescendo – e que essa filha não poderia se perder na vida. Ela sofria por causa disso.

Nos dias de hoje, isso não mudou, o que eu entendo que nós precisamos... na época do meu pai e da minha mãe, a justiça era inexistente em relação à defesa dos direitos da mulher, no combate à violência. Hoje nós temos “n” leis, mas nós temos um problema muito grave: a morosidade da lei, isso dá direito a esse homem entrar em casa e matar uma mulher, entrar na casa dela, pegar um facão e dar nela um golpe certo, e ela não tem nem como recorrer, por causa da morosidade da lei.

O que acontece com as mulheres hoje? As mulheres têm receio de denunciar porque acham que não vai dar tempo, devido à morosidade. Nós estamos aqui para combater isso. Nós somos ativistas, essas mulheres são ativistas, são mulheres responsáveis, mas nós precisamos que, à medida que essa agressão evolui, a lei seja muito mais eficaz para que, de fato, venha ter um combate.

Eu, enquanto mulher preta, tenho uma responsabilidade no espaço que ocupo. Eu estou como vereadora na Câmara Municipal de Salvador, estou como presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, estou como vice-presidente da Comissão de Reparação. Eu não me furto dos meus deveres e dos meus direitos. Vocês ouviram falar aqui da Associação Mulheres Notáveis, que é um projeto idealizado por mim, no qual tem a presidente Itaijara que faz o trabalho lá. Eu a idealizei e entreguei nas mãos dessas mulheres, e vocês não têm noção...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

A Sr.^a IREUDA SILVA: Para concluir, deputado. E vocês não têm noção do que nós enfrentamos e das mulheres que nós recebemos, são mulheres com 20, 25, 28 anos que não têm esperança nenhuma de vida. Por quê? porque sofrem um massacre em todos os lugares. É o desemprego, é o machismo como império.

A nossa responsabilidade hoje, de sociedade civil, é lutar, é reivindicar, é não se prostrar e não aceitar isso!

Não a violência contra a mulher!

Muito grata a todos! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, vereadora Ireuda, pela sua fala. Que você possa continuar lá na Câmara de Vereadores sendo essa mulher forte, aguerrida, guerreira e lutando, sim, todos os dias e em todos os momentos e minutos para que a gente possa eliminar, de fato e de verdade, essa indiferença que existe. Pode ter certeza de que Deus vai te conceder força. Muito obrigado pela sua presença.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Vamos assistir agora a um vídeo elaborado pela deputada federal Rogéria Santos.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurilton Santos): Vamos agora passar à fala da secretária estadual do Mulheres Republicanas, deputada federal Rogéria Santos. (Palmas)

A Sr.^a ROGÉRIA SANTOS: Deputado, peço também para contar meu tempo só depois das apresentações, por favor, pois, assim como Ireuda, eu acho que não sou muito econômica na fala.

Bom dia a todos. É um prazer enorme estar aqui, e me sinto muito honrada e lisonjeada por estar compondo uma Mesa tão seleta, com tantas mulheres que me representam em todos os segmentos da proteção e garantia de direitos de mulheres no meu estado, o estado que eu amo, o estado que, diuturnamente, estou lá em Brasília lutando para defender.

Quero dizer, deputado, que o senhor tem sido um artilheiro nesta Casa em emplacar sempre gols em defesa das mulheres. Eu quero parabenizar o senhor por essa sensibilidade masculina.

Agora o senhor pode contar o tempo e colocar mais uns 5 minutos, eu sou sincera. Falar de mulher, gente, me encanta, a gente tem ali um discurso que a assessoria fez, mas eu não me sinto à vontade de chegar aqui e ler para vocês, porque falar de mulher, quando somos mulheres, é falamos com o coração. Nós falamos com a dor da nossa alma, nós falamos com a força do sangue que circula no nosso corpo.

Falar de eliminação da violência contra a mulher é dizer que chega de matar mulheres, como ali no vídeo. Até quando...? como foi bem dito por nossa querida delegada-geral da Polícia Civil. Aí, eu vou dizer delegada-geral da Polícia Civil, mulher. Eu já falei delegada, mas isso não é redundante, não, é provocante. Até quando nós vamos precisar de que mais Elaines morram, Marias, Terezas, Joanas?

Até quando nós vamos assistir isso acontecendo na nossa rua, no condomínio onde moramos, no nosso trabalho? porque hoje a gente está com a Maria, amanhã a gente sabe que a Maria foi morta.

E, aí, eu quero chamar aqui a atenção de todos homens e mulheres: nós mostramos ali uma série de projetos de leis que a gente tem relatado ou que a gente tem feito tramitar na Casa, porém, nós mostramos aqui a atuação da polícia, nós mostramos aqui a atuação da Polícia Militar. Nós temos aqui o Tribunal de Justiça, nós temos aqui a Defensoria Pública, nós temos aqui os entes estado e municípios que têm como cunho principal proteger e garantir o direito de mulheres através da construção de políticas públicas.

Nós temos aqui nessa Mesa representação da sociedade civil. E é com vocês que estão aqui, enquanto sociedade civil, enquanto representantes das mais diversas instituições presentes, que eu digo: o que nós precisamos fazer no nosso país é uma mobilização em massa, é a formação de multiplicadores e multiplicadoras da não normalização da violência contra a mulher. Infelizmente, muitas de nós, inclusive, da minha faixa etária – e aqui eu me quedo a falar da minha idade, porque eu me sinto bem na fita, eu falo, sabe? se eu estivesse mal na fita, eu não falaria, não, mas eu tenho os meus 58 anos de idade –, essas gerações, como a minha e as anteriores, viviam muito nitidamente essa normalização. Era comum, Ireuda, o seu pai praticar violência contra a sua mãe. Era comum o meu pai praticar violência contra a minha mãe. Quantas das mulheres que estão aqui, nessa faixa etária, já foram vítimas de violência, inclusive? e quantas ainda podem estar vivendo isso?

Só que hoje nós temos todo um aparato judicial, policial, estatal, municipal, federal para dar esse apoio e trabalhar em prol dessa mulher, mas nós precisamos levar essa mulher até esses ambientes. Nós precisamos ..., e é isto que você está fazendo aqui, você está aqui para construir ainda mais, de uma forma alicerçada, essa consciência de proteger e de garantir direitos de mulheres.

Pouca gente sabe disso, mas, hoje, não há necessidade de que a mulher dê a queixa. Então, eu sou vizinha de mulheres, eu trabalho com mulheres, e a mulher vítima de violência dá sinais, ela sempre conversa com a melhor amiga, ela sempre conversa com a vizinha, ela sempre conversa lá nas igrejas em que eu faço parte. Eu sou evangélica, e ela sempre vai levar o problema para um pastor, para alguém que ela acredita que possa lhe trazer uma palavra de conforto. Só que quando nós tomamos ciência desse fato, nós não podemos apenas dar a ela uma palavra de conforto, nós temos que pegar essa mulher pela mão, se necessário for, e levar esta mulher até o órgão competente que possa trazer para ela a proteção e a garantia de direitos de que ela precisa.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Então, eu convoco a cada um dos senhores e das senhoras aqui, principalmente os homens: sejam os promotores do amor e da paz, sejam os promotores... você que está aqui, homem, você tem um círculo de amizade, na sua maioria, de outros homens, por vezes o senhor deve escutar nas rodas de conversa os tipos de violência que eles cometem contra as suas mulheres. Então, seja o senhor a promover a mudança nos ambientes que o senhor esteja.

Para concluir, friso mais uma vez, se necessário for, sejamos nós mulheres a pegar essas mulheres pelas mãos, mas não sejamos apenas portadoras e portadores de palavras de consolo. Sejamos nós o escudo protetor e garantidor de direitos dessa mulher para que ela não seja mais uma estatística de feminicídio no nosso país e no nosso estado. Isso passa por mim, isso passa por você.

Então, esse é o convite que eu faço para vocês neste Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Vamos juntos criar essa corrente, fortalecer essa rede, e nos apresentar, sim, como de fato e de verdade somos, mulheres que protegem mulheres, que garantem direitos de mulheres.

Que Deus nos abençoe, nos dê força e muita coragem, porque essa luta é para guerreiras e guerreiros. Então, venham para a frente de batalha.

Deus nos abençoe. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, deputada Rogéria. Olha que a buzina nem tocou, viu? Tocou, gente? Tocou foi? Tocou, então. Passou de 5 minutos. Mas muito obrigado pela sua fala, Rogéria, deputada federal e secretária estadual do Mulheres Republicanas, meu partido. Ela é uma defensora, realmente, das mulheres.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Bom, vamos dar sequência, continuidade.

Eu quero, agora, conceder a palavra à Dr.^a Nágila Brito, desembargadora e presidente da Coordenadoria da Mulher do Tribunal de Justiça da Bahia. (Palmas)

A Sr.^a NÁGILA BRITO: Bom dia a todas, todos e “todes”.

Eu tenho de me autodefinir por causa das pessoas com baixa visão. Essa é uma regra do CNJ. Eu estou com um conjunto preto, um blazer e uma blusa, com as cores que estampam a luta deste ativismo de violência contra a mulher, que é a cor laranja.

E, aí, lembrei-me de falar, para vocês, sobre o porquê dessas datas que, sempre, têm um significado. Mas, antes, eu estou com medo desse apito de Jurailton. Estou danada que até estou me esquecendo de parabenizar e, também, agradecer o convite para estar com vocês, conhecer novas pessoas e rever algumas para as quais eu já sorri, já dei um tchauzinho, um balanço de mão.

Queria, até, para respeitar o tempo, cumprimentar todos nas pessoas dos deputados estaduais Jurailton, José de Arimateia e Neusa Cadore; da deputada federal Rogéria e da vereadora Ireuda, enfim, esse pessoal todo da política. Cumprimento, também, o sistema de Justiça que está aqui.

Gostaria de dizer o quanto me sinto feliz em estar com vocês nesta data que é uma verdadeira luta de muitos anos. Quero dizer que a luta não tem sido em vão. Vocês viram a diminuição do feminicídio quando a nossa delegada-geral trouxe os dados. Eu não me lembro se foi ela, porque estou um pouco atrapalhada. Mas houve a diminuição do feminicídio.

Eu falava, há pouco, com as pessoas que estavam aguardando o início desta sessão, que a gente não pode comemorar ainda, porque, exatamente, nas semanas em

que ocorrem as festas familiares como o Natal e o Réveillon, é o período em que mais perdemos as nossas mulheres.

Eu estou falando isso de propósito, porque foi contada a história de Elaine. E a gente tem de dizer, para nossas mulheres, o seguinte: tem de ter medo, tem de ter coragem de fechar a porta e dizer não! Quando se tem... Bem, em Direito, a gente chama dolo, o dolo de matar. Armam-se, primeiro, as estratégias como aquela que matou a nossa juíza Viviane, à véspera de Natal. Ela, uma juíza que tinha uma escolta dada pelo próprio Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, dispensou a escolta e foi levar os seus filhos para entregá-los para passarem o Natal com o pai. E ele a matou na frente das crianças.

Então, não tem escapatória. Claro, lutamos contra as interseccionalidades, porque as mulheres negras são a maioria das vítimas. Precisamos fazer disto uma luta diária. São mulheres que saem para trabalhar e, quando retornam para as suas casas, começam outra batalha, outra luta.

Então, ao lembrar a morte de Viviane que deixou órfãos do feminicídio, é algo que a gente tem de pensar, Srs. Deputados e Sr.^{as} Deputadas, todos presentes, em como cuidar dessas crianças. Esse vai ser o meu primeiro pleito, porque quando a gente vem em uma Casa que é do povo, a gente tem que pleitear.

Então, a primeira coisa é: mais clínicas para as crianças. Não estou falando de violência sexual. Nós temos o Projeto Viver. Mas o Viver, como um trabalho lindo e maravilhoso, precisa ser ajudado. (Risos)

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Mas eu estou... não falei nem um quinto ainda, mas não se preocupe que eu não vou demorar demais.

Eu estou me lembrando de uma história. Eu fui à 3ª Vara para um evento como esse, não é?, de violência contra a mulher. Depois, uma senhora idosa se aproximou de mim e disse: “Eu vim porque eu sabia que a senhora viria fazer essa palestra, porque a minha filha Fulana de Tal foi morta pelo feminicídio. E ela tinha um processo nessa vara.”

E, aí, eu brinquei com a criança, porque eu adoro criança, brinquei com um menino de 7 anos, e ele não respondeu. Então, eu disse: “Por que ele não está me respondendo?” Ela respondeu-me aquela frase que me chocou demais: “Ele ficou mudo a partir do momento em que viu o pai matar a própria mãe.” Aí, ela queria uma ajuda para encaminhar a criança a um tratamento psiquiátrico. E não havia, não havia. Eu tive de pedir, por amizade pessoal, a alguém para atender essa criança.

Eu ia falar da Campanha do Laço Branco. Eu ia falar das irmãs Marabal, pois foram elas quem iniciou tudo isso para termos esse Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Eram mulheres ativistas e mulheres de uma condição econômica muito boa, e foram mortas. Eram as três irmãs e o motorista. Mas os dominicanos se revoltaram contra isso e disseram: “Para que serve tudo isso se as nossas namoradas, as nossas irmãs, as nossas mães, as nossas esposas não têm segurança?”

Então, hoje é o dia de repetirmos isso, ou seja, para que serve tudo isso?

A gente não pode manter presos todos os feminicidas ou os que fizeram por tentativa. Não temos nem condição. Não temos nem os famosos alojamentos. Não temos!

Então, o meu pedido hoje é: por favor, cuidado! Peçam ajuda. Se cuidem.

Eu disse a uma mulher ontem que é sempre um olho aberto e o outro fechado, quando você for dormir. Ela disse: “Ô, doutora, eu nem durmo mais.” Isso é pensar sempre antes no que pode acontecer e se prevenir.

Podem contar comigo. Podem contar com o nosso Tribunal de Justiça na medida das nossas forças.

Desculpem ter ultrapassado o tempo.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, doutora, pelas falas e presença da senhora. Que Deus te conceda saúde e força para continuar nesta luta.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Bom, vamos dar sequência e ouvir Tia Adriana, vereadora da cidade de Santo Antônio de Jesus, pelo tempo de 4 minutos. (Palmas)

A Sr.^a TIA ADRIANA: Bom dia a todos os presentes.

Deputado Jurailton, agradeço o convite ao senhor.

Saúdo a Mesa nas pessoas dos deputados José de Arimateia e Rogéria Santos, a delegada Heloísa, da comandante Roseli e nossa amiga e vereadora Ireuda. Saúdo todas as mulheres presentes.

Para mim, é uma satisfação estar nesta Casa hoje, deputado, recebendo o seu convite para tratar de um tema muito importante. E, na Mesa, a delegada Heloísa esteve em nossa cidade de Santo Antônio de Jesus recentemente, porque nós perdemos uma delegada de Polícia, a nossa amiga Patrícia Jacques, por um feminicídio.

Dr.^a Heloísa, a Dr.^a Patrícia foi uma mulher que, assim que eu me tornei vereadora, a procurei para podermos, juntas, buscar políticas públicas para combater o feminicídio e a violência na nossa cidade.

No entanto, conhecendo a guerreira que era a Dr.^a Patrícia, até a homenageei com a Medalha Maria Quitéria pela mulher guerreira que ela era para o Estado, à frente da pasta na Deam (Delegacia Especial de Atendimento à Mulher), em Santo Antônio de Jesus.

Infelizmente, fomos surpreendidos, uma manhã, com uma triste notícia do feminicídio da Dr.^a Patrícia. Isso causou, em muitas mulheres de Santo Antônio de Jesus, Dr.^a Heloísa, o temor maior, porque se falava: “Uma delegada foi assassinada. Teve o feminicídio em Antônio Jesus. E nós, mulheres, não temos essas proteções?” Refiro-me a isso, porque a Dr.^a Patrícia buscava, constantemente, combater a

violência contra a mulher, como o feminicídio. Ali, ela perdeu a sua vida. Deixou um filho órfão.

A gente tem de combater. O primeiro combate que eu acredito que a gente deve fazer, alguém citou também, eu não lembro quem foi, é dentro da nossa própria casa. Eu tenho dois filhos homens: um adolescente de 17 anos e um de 10 anos. Quanto ao filho de 17 anos, eu já converso sobre isso. Falo de relacionamentos, caso venha a ter, como tratar uma mulher. E a agressão verbal é uma das que a gente, primeiro, tem de falar dentro da nossa casa para, depois, as outras agressões. Isso, eu venho fazendo dentro da minha própria casa. Então, isso é importante.

Parabenizo, novamente, o deputado Jurailton por propor esta sessão especial nesta Casa, a fim de a gente buscar, realmente, combater a violência contra a mulher.

E, comandante Roseli, espero, também, fazer uma parceria junto com a senhora. Tenho, na próxima semana, uma agenda com a senhora e a delegada, porque, infelizmente, Santo Antônio de Jesus só teve eu reeleita como mulher vereadora, lamentavelmente. São 15 vereadores, e somente eu de mulher.

Mas estou lá, Dr.^a Heloísa e comandante Roseli, para, juntas, buscarmos mais políticas públicas para ajudar as mulheres de Santo Antônio de Jesus. Conto com o apoio de vocês. Quanto à delegada Aline, lá, em Santo Antônio de Jesus, fui bem recebida por ela, pois é uma pessoa que, também, está disposta a juntar toda a rede em combate à violência contra a mulher.

Agradeço, também, ao prefeito Genival, pois, em uma parceria com a deputada Rogéria, houve a sensibilidade de colocar a Casa das Antônias, o primeiro lugar de acolhimento à mulher vítima de violência doméstica. Eu tenho certeza de que, mesmo sendo uma só, a gente pode unir forças e combater a violência contra a mulher.

Muito obrigada a todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, vereadora Tia Adriana. Parabéns pela sua reeleição. Você pode contar também com este deputado para as políticas públicas que você vai implementar, tenho certeza disso, na cidade de Santo Antônio de Jesus.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Bom, passo a palavra, agora, para o Ex.^{mo} Sr. Deputado Estadual José de Arimateia, dono da Princesinha do Sertão, pelo tempo de 4 minutos.

O Sr. JOSÉ DE ARIMATEIA: Olha, graças a Deus!

Bom dia a todos.

Desejo que Deus abençoe vocês, mulheres.

Para mim, é um prazer imenso estar nesta manhã. Inclusive, eu fiz até uma fala, um pronunciamento. Mas eu estava observando algo, deputado Jurailton.

Primeiro, parabéns a V. Ex.^a. Na sua pessoa, eu saúdo a Mesa cheia de autoridades importantes, componentes deste tema, não é só em nível de Bahia ou Brasil, mas internacional.

Eu queria dizer para vocês que, por exemplo, eu apresentei, nesta Casa, o Projeto de Lei nº 20.183/2013. Nós já estamos em 2024! Imaginem, são 11 anos. O PL cria o Programa de Apoio à Mulher Vítima de Violência no Estado da Bahia e dá outras providências. Esse projeto está aqui. Se você for olhar, eu trouxe apenas o espelho. Só para vocês terem ideia, como esse projeto, ele já está tramitando nesta Casa o tempo que está. Tudo isso vai para a comissão. Fica lá. O fulano pede vista. E assim vai.

Então, aí, pronto. Eu estava vendo, também, em algum documentário que passou, inclusive, da deputada Rogéria, projetos que estão tramitando em Brasília também, de suma importância, com respeito à violência contra a mulher.

Então, projetos existem muitos. Leis já existem. Mas nós chegamos a um momento em que já não é mais a questão de apresentar projetos. Não é! Isso é questão dos gestores nas esferas municipal, estadual e federal. Eles têm de se unir para combater, porque quando se fala em combater o crime, a gente sabe que existe, de uma forma geral, tanto para os homens, como para as mulheres, para o idoso, para os animais, é uma coisa descontrolada, desgovernada mesmo.

Então, tem de haver uma força-tarefa. Digo isso porque quando se fala em combater a questão da violência, precisa de estrutura, estrutura física, estrutura de equipamentos, estrutura de efetivo. Quando se trata de homens e mulheres da questão da segurança pública, tudo isso precisa.

Então, é um tema que, realmente, precisa estar, sim, chamando a atenção! E o alerta, a luz continua vermelha. Por quê? Porque é crescente, é crescente, é crescente, é crescente!

Aí, eu estava sentado. Na mesma hora, veio, assim, na minha cabeça o que a Bíblia diz com respeito à questão da violência. Vejam o Salmos 127:1. Olha o que o salmista Davi diz: (Lê) *“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela.”*

Então, observe bem. Essa mensagem é desde o tempo do salmista Davi. Quer dizer, Deus já estava mostrando o que nós íamos nos deparar com a situação que se nós não nos voltarmos para Deus, vocês, mulheres de fé, não estou falando de religião, estou falando o que está na Bíblia, que está ali em cima. Olhe a Bíblia ali, ó! Está ali o salmo 127.

Então, quem pode guardar? As leis estão combatendo a violência? Existem as leis? Existem, mas elas não têm sustentabilidade de combater. Existem as autoridades constituídas? Existem, mas elas estão sem força, porque elas querem fazer. Mas como você vai fazer e combater se você não tem o equipamento, se você não tem a inteligência?

Enfim, estão inventando tantas coisas. Agora, inventaram...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) a questão da inteligência artificial.

Então, eu queria só deixar para vocês mulheres o seguinte: entrega a sua vida para Deus, entrega a sua casa para Deus. Vocês estão entendendo? Orem a Deus,

porque quando o homem falha, Deus não falha. Nós estamos vendo, sim, a falha. Quando eu digo a falha do homem, eu estou falando de uma forma geral, porque quem está no poder, quer seja homem, quer seja mulher, é responsabilidade, sim, dar segurança aos humanos.

Mas a gente vê que a coisa está incontrolável.

Agora, com Deus, não! Ele disse que se você buscar Ele, Ele vai guardar sua casa, se você...

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Para concluir.

O Sr. JOSÉ DE ARIMATEIA: (...) para concluir, tanto Ele vai guardar sua casa, proteger. Ah, isso quer dizer que se eu estou sendo violentada, você, mulher, tem de calar a boca? Não, não! É como a doutora falou. A doutora delegada falou. A senhora se arrumou, está dentro de casa com a sua filhinha e chega um cidadão, que já tinha despachado ele, e comete uma coisa dessa.

Então, quem pode dar segurança? Só quem? É Deus!

Que Deus abençoe.

Parabéns! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, V. Ex.^a, deputado José de Arimateia.

A Bíblia, também, está ali em cima, ali, ó. O senhor não falou ali. Olha lá! Está lá, ali. Olha. (Lê) *“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.”* Está na parede ali. Olha lá. A mensagem está presa ali, bem no teto da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Muito obrigado, deputado José de Arimateia, pela sua fala, pela sua presença, pois a sua luta é incansável nesta Casa, também nesses longos anos em que você se encontra, enquanto deputado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero conceder a palavra à Sr.^a Neusa Cadore, secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia. Eis a minha colega, amiga e deputada Neusa Cadore, representante do Governo do Estado da Bahia.

A Sr.^a NEUSA CADORE: Bom dia a todas as pessoas que nos dão a honra das suas presenças nesta manhã.

Quero começar saudando este Plenário, saudando as galerias, porque, no dia a dia, nesta Casa, nós somos muito sub-representadas. Aqui tem 63 cadeiras. Mas, apenas, 10 cadeiras são ocupadas pelas mulheres. Eu faço este registro, porque é muito bom ver esta Casa repleta de mulheres no Plenário, na Mesa. Quero lembrar também que o nosso ingresso na política ainda é uma luta, porque, nesse tema, nós ainda sofremos violência.

Então, quero saudar toda a Mesa, essas mulheres valorosas, não só pelo cargo que ocupam, mas pelas trajetórias, Dr.^a Heloísa. Me perdoem. Mas eu não vou citar

todas. Mas quero dizer da alegria de ter ouvido os depoimentos e as contribuições que tanto enriqueceram esta manhã através de falas animadoras, falas que nos preocupam, falas que nos machucam, falas que nos provocam.

Eu quero agradecer muito, especialmente, ao deputado Jurailton, meu colega, ao ladinho do deputado José de Arimateia. Parabenizo V. Ex.^a por esta iniciativa.

A gente está nesta Campanha 21 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra a Mulher, do CNJ. Outros atos acontecem aqui, nesta Casa. Na próxima semana, a gente vai estar aqui debatendo violência política contra as mulheres, relatado pelas companheiras que passam por isso.

O deputado Jurailton nos enche de esperança, porque ele é uma prova de que nós temos homens parceiros, homens que têm a consciência de que, no lugar onde estão, podem, sim. É necessário, é indispensável ter a solidariedade dos homens para essa luta, porque esta campanha internacional pela eliminação da violência contra mulher não é coisa de mulher, é coisa da sociedade, é tarefa da sociedade.

Estamos aqui, hoje. Mas, no mundo inteiro, em todos os países, acontecem vários eventos importantíssimos, porque, infelizmente, a violência não é própria de uma cultura, não é própria de um país. Mas é um desafio enfrentado pela humanidade, porque nós tivemos uma construção cultural, enfatizada numa coisa que nós chamamos de patriarcado. Trata-se do domínio do homem sobre as mulheres que naturaliza, como bem relatou a nossa delegada-geral, Dr.^a Heloísa, um homem entrar numa casa, fazer o que fez e sair andando, como se nada fosse.

Eventos como esse são para nos despertar, são para nos fazer refletir, são para a gente pensar em maneiras novas, porque essa violência tem de ser retirada do meio de nós. E o Brasil convive ainda com dados que nos desafiam. A cada 6 horas, uma mulher ainda é vítima de feminicídio.

A cada 6 minutos, uma mulher é estuprada. Vejam, 77% desses casos são meninas, menores de idade, muitas vezes, crianças vulneráveis, crianças com deficiência. Isso acontece dentro de casa, no lugar em que devia nos acolher e nos proteger.

A violência doméstica, o feminicídio e os estupros são praticados pelas pessoas que nos são mais caras, em quem a gente devia confiar e por quem a gente devia se sentir protegida.

Então, essa campanha tem uma importância extrema para a gente. A gente sabe que nos últimos anos, graças à luta... Eu quero saudar as mulheres que estão aqui, especialmente as mulheres que têm batalhado no dia a dia, na sociedade civil, como temos aqui o exemplo do grupo Mulheres Notáveis, e tantas outras, tantas mulheres que no dia a dia vivem a sororidade, vivem a resistência e dão as mãos umas às outras. Isso também é fazer a boa política.

Mas é bom que hoje a gente fale das políticas que dão certo. Fernanda, secretária que aqui se pronunciou, trouxe o exemplo da Casa da Mulher Brasileira. Gente, que notícia que nos dá esperança em relação ao ano passado,...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Eta!

(...) a gente teve uma redução de 56% dos feminicídios. É a prova de que o estado precisa entrar firme, o estado, a União, os municípios precisam ter políticas públicas para o enfrentamento, para o acolhimento, para a gente investir na formação de uma nova cultura e dar condições de as mulheres poderem confiar.

A mulher tem de ter onde denunciar, tem de ter o acolhimento. A Casa da Mulher Brasileira é um exemplo, a Bahia vai receber mais duas casas da Mulher Brasileira, o Brasil já tem dez e vai receber 40 casas da Mulher Brasileira até 2026.

Esses são programas importantes, assim como as delegacias especializadas, os núcleos, os programas de formação e as políticas públicas, que também colaboram para a inclusão socioproductiva das mulheres. Uma mulher sem renda não consegue sair do ciclo de violência. As mulheres precisam de moradia, precisam de creche, precisam de política pública que garanta a elas mais autonomia, que tirem dela o peso de tantas tarefas do cuidado.

Uma mulher gasta, por semana, 22 horas cuidando dos seus; os homens gastam metade desse tempo. Essa responsabilidade do cuidado precisa ser mais assumida por homens e mulheres, precisa também ser assumida pelo Estado no sentido de termos creches, como eu falei, termos bons serviços de saúde, e a nossa luta vai nessa direção.

Na secretaria de Mulheres, a gente tem batalhado, a gente tem visto crescer o número de equipamentos. Neste ano, entregamos a Deam de Santo Antônio de Jesus, entregamos uma Deam em Juazeiro... aliás, um núcleo em Santo Antônio de Jesus, o núcleo de Serrinha, tem uma casa reconstruída e recuperada em Feira de Santana...

Continuaremos na luta para a gente ter mais equipamentos públicos, mas é bom ver que isso está sendo cada vez mais assumido pelo poder público, e a sociedade precisa continuar nessa mobilização para que a gente crie condições de as mulheres terem direito a uma vida sem violência.

Deputado Jurailton, aqui, publicamente, quero lhe agradecer, nosso grande parceiro da secretaria de Mulheres. O deputado colocou 15 emendas parlamentares, 15! São R\$ 750 mil (palmas) para a gente colaborar,...

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Bati o recorde.

A Sr.^a NEUSA CADORE: (...) para fortalecer a luta das mulheres que estão mobilizadas em associações, agrupadas, dando as mãos, para construir melhores oportunidades. E isso, deputado, ajuda a livrar as mulheres da situação de violência.

Muito agradecida. Pode colocar mais emendas, que a gente vai cuidar com muito carinho...

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Pode deixar. (Risos)

A Sr.^a NEUSA CADORE: (...) O deputado José de Arimateia também é nosso parceiro. É isso, gente, muito obrigada a todas essas mulheres (palmas), a essa rede que no dia a dia trabalha e a vocês que estão com a gente aqui hoje.

A cada ano a gente precisa celebrar essa data sempre com muita confiança, porque a gente pode, sim, homens e mulheres, com luta e consciência, construir um tempo melhor em que a gente possa viver em paz, criar as nossas famílias e ter uma sociedade de paz.

É isso que a gente precisa! Muito obrigado! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, secretária Neusa Cadore, colega nossa, uma deputada que nesta Casa também é bastante atuante. Obrigado pela sua presença, obrigado pela parceria, e pode ter certeza de que mais emendas irão chegar para que a gente possa fortalecer essa rede de proteção às mulheres.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Registrar a presença da bispa Vangelista, da Fiimeb; do pastor Rillen, da FJU; e da pastora Mirleide, da Conap. Muito obrigado pela presença de vocês.

Como proponente da sessão especial, farei agora o meu pronunciamento. Quero passar os trabalhos, enquanto eu faço a minha fala, para o nobre deputado José de Arimateia e seguirei regimentalmente o tempo de 4 minutos. (Risos)

(O deputado José de Arimateia assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (José de Arimateia): Deputado Jurailton Santos, V. Ex.^a será atendido (Palmas) (Risos). Com a palavra o proponente da sessão, deputado Jurailton Santos, pelo tempo regimental.

O Sr. JURAILTON SANTOS: Misericórdia! Quantos minutos?

O Sr. PRESIDENTE (José de Arimateia): São 4 minutos.

O Sr. JURAILTON SANTOS: Então, quero cumprimentar toda a Mesa, muito obrigado pela presença de todos neste momento. Vou seguir aqui a minha fala, o meu discurso.

Primeiramente, eu quero agradecer a Deus por todos nós estarmos presentes aqui neste momento tão importante. Um bom-dia a todos, agradecer a presença dos senhores e senhoras, de todas as ONGs e instituições que militam a favor das mulheres aqui presentes.

(Lê) “É com senso de responsabilidade que inicio a minha fala nesta sessão em comemoração ao Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher. Quero começar agradecendo ao nosso Deus pela oportunidade, à TV ALBA, a esta Casa, aos jornalistas que estão aqui prestigiando este momento, aos profissionais de imprensa e a todos os presentes.

Meu respeito às autoridades que compõem esta Mesa, cujas trajetórias são símbolo de luta e inspiração, e a todas as mulheres aqui presentes...”

Eu vou gastar aqui... Queria que você me desse, presidente, mais 1 minutinho após os meus 4 minutos porque eu quero cumprimentar a deputada federal Rogéria Santos, muito obrigado pela sua presença; cumprimentar a vereadora Ireuda Silva, muito obrigado pela sua presença; a Fernanda Cerqueira, muito obrigado pela sua presença; a Dr.^a Izabel do Carmo, muito obrigado pela presença também a V. Ex.^a.

Agradecer também à minha colega de Casa e secretária Neusa Cadore, muito obrigado pela sua presença; à Dr.^a Heloísa Brito, delegada, a primeira delegada, fiquei surpreso quando eu estive com ela e olhei para a parede, vi uma foto dela e falei:

“Rapaz, que coisa boa, olha só, comandando a nossa tão querida Polícia Civil do estado da nossa querida Bahia”. Muito obrigado pela sua presença.

Cumprimentar também a desembargadora Nágila Brito, ela estava ali do lado: “Deputado, vamos ver como é que faz para controlar essas mulheres, viu?!”, mas deu tudo certo, não é doutora? Tudo certinho, correu tudo direitinho.

Cumprimentar Roseli Santana, tenente-coronel, muito obrigado pela sua presença; Millena Hungria, cadê Millena? Um abraço, leve o meu abraço aos nossos amigos da cidade de Wagner.

Cumprimentar a Dr.^a Marcela, muito obrigado por ter vindo também de tão longe prestigiar este momento; cumprimentar a Itaijara Souza, parabéns pela sua fala, pertinente, muito obrigado; Fernanda Lordêlo também, minha amiga, muito obrigada pela sua presença; e a vereadora da cidade de Santo Antônio de Jesus, a Tia Adriana, que está aqui também abrilhantando este momento.

(Lê) “Enquanto parlamentar e membro da Comissão de Direitos Humanos e Segurança Pública nesta Casa, tenho dedicado o meu mandato à defesa das mulheres por meio de projetos que garantam sua proteção e segurança. Essa causa, contudo, vai além do papel legislativo: é pessoal.

Em minha trajetória, vivenciei de perto a dura realidade da violência doméstica dentro do meu próprio lar, algo que marcou e reforçou ainda mais o meu compromisso em combater essa realidade que destrói famílias e vidas.

Conto com a sensibilidade do estado para que nossos projetos deixem de ser apenas propostas e se tornem realidade...”

É justamente o que o deputado José de Arimateia acabou de falar, projetos nós temos muito nesta Casa, como a deputada Rogéria também tem, os demais parlamentares, as vereadoras Ireuda, Tia Adriana, mas o objetivo desta sessão de hoje é sensibilizar a sociedade, chamar a atenção da sociedade, do poder público, deputada Neusa Cadore, Dr.^a Heloísa e Dr.^a Nágila, para que a gente possa ver, no dia a dia, realmente, algo concreto, algo realmente acontecendo, e as mulheres possam falar, Fernanda Lordêlo: “Olha, está dando certo”.

Eu acho que o que deixa o parlamentar, o deputado, o vereador, mais feliz é ele ver a criação realmente... É quando ele cria aquela lei, aquela indicação e a vê realmente chegando lá na ponta, por que qual é a lei boa? É a lei que chega na ponta, é a lei que atende a necessidade do povo. Eu acho que é isso que deve acontecer, que tem que acontecer e que eu vou seguir lutando para que aconteça.

Eu vou dar exemplos de algumas ações minhas aqui na Casa. (Lê) “(...) A exemplo da criação de delegacias especializadas de atendimento à mulher (Deams) em municípios como Vera Cruz...”, Dr.^a Heloísa, me ajude com essa demanda aqui, eu sei que a senhora pode me ajudar, tenho certeza, preciso ter esse espaço em Vera Cruz, ter esse espaço instalado em Vera Cruz.

(Lê) “(...) a implantação de núcleos de atendimento às mulheres (Neams) em Itaparica; a implementação de ‘pontos de atendimento’ para vítimas de violência ou importunação em estações de ônibus e metrô; a implantação de pontos de ônibus com

sistema inteligente para proteção das mulheres em Salvador; a capacitação de funcionários para o combate ao assédio sexual e outras formas de violência nos estabelecimentos; a criação de cotas de estágio e jovem aprendiz para filhos e filhas de vítimas de violência – uma medida que já é realidade em Salvador, graças ao trabalho da vereadora Ireuda Silva...”, que tem também essa atuação.

Isso aqui, senhores e senhoras, mulheres e autoridades aqui presentes, são projetos de indicações e um projeto de lei meu já tramitando aqui nesta Casa, e nós precisamos vê-los acontecerem para que as mulheres possam ser atendidas e acolhidas. Essa discussão, esse debate, essa conversa aqui não pode ficar somente, secretária Neusa, neste ambiente.

Quando eu vou para uma audiência pública, eu fico ali sentado ouvindo o debate, deputada Rogéria, aquele debate, aquele calor da audiência, e quando acaba eu fico me perguntando, tenente-coronel: “E agora? Ficou só nisso? Ficou só aqui?” A ideia de convidar as senhoras para virem aqui hoje foi justamente nós fazermos uma força-tarefa para que algo concreto aconteça. A violência contra as mulheres acontece todos os dias.

Ainda hoje pela manhã eu vi... Ontem à noite eu estava assistindo ao programa da Rede Record... Então, nós precisamos, de fato, de verdade, fazer alguma coisa para que algo aconteça e a mulher possa se sentir segura em casa, no seu trabalho, nas ruas, no cinema, no shopping. Quando a violência acontece, ela marca aquela mulher, ela marca a família e ela marca toda uma geração.

Volto a dizer para os senhores e para as senhoras, mulheres, vocês não estão sozinhas, vocês têm todas essas mulheres aqui presentes para que a gente possa, de alguma forma, lutar por vocês.

E se você tem ou conhece uma mulher, uma criança, uma adolescente que está passando por uma violência, seja psicológica, material, sexual, seja qual for, bote a boca no trombone. Como disse a Dr.^a Heloísa, vamos colocar o dedo ali e ligar para o disque-denúncia, encaminhar essa pessoa à delegacia mais próxima para que as providências possam ser tomadas. Está certo, gente?

Muito obrigado pela presença de cada um de vocês. Quero aqui, Dr.^a Heloísa, tenente-coronel e secretária Neusa, agradecer à minha esposa, que é minha parceira de todos os momentos. Quando eu viajo, Dr.^a Nágila, ela está lá comigo; quando eu estou atendendo no interior, ela está lá comigo; em todos os momentos, em todos os lugares, a minha baixinha, como eu costumo falar, está sempre presente comigo.

Meu amor, eu te amo, você é a mulher da minha vida, é o presentinho que Jesus me deu. (Palmas) Pode ter certeza de que eu sempre a amarei. E eu fiz uma promessa para mim mesmo, falei com a Dr.^a Heloísa, quando eu casar eu não tratarei a minha esposa como eu vi um dia, pastora, a minha mãe ser tratada. Você tem o meu respeito, o meu amor, o meu carinho e a minha admiração. Está certo? Deus a abençoe grandemente, muito obrigado.

Deputado, não tocou o sino, não, viu? Por isso que eu fiquei aqui.

O Sr. PRESIDENTE (José de Arimateia): É, o rapaz esqueceu.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (José de Arimateia): Volto os trabalhos, a presidência, ao deputado Jurailton Santos.

(O deputado Jurailton Santos reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Bom, o sino não tocou, por isso que eu fiquei à vontade, viu? Não tocou, estranho esse negócio, hein, Fernanda Lordêlo (risos), eu não sei o que aconteceu, não. Valeu, estamos juntos. (Risos)

Bom, gente, dando sequência à nossa sessão especial do Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra a Mulher, eu quero fazer a entrega, neste momento, de placas, uma singela homenagem às senhoras que estão aqui compondo a Mesa.

Quero fazer a entrega para a Sr.^a Neusa Cadore, deputada e secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, representando aqui o governo do estado na pessoa do governador Jerônimo. Por favor. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero também fazer a entrega da placa para a Sr.^a Nágila Brito, desembargadora e presidente do Colégio de Coordenadores da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário Brasileiro (Cocevid). (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convidar também a Sr.^a Rogéria Santos, deputada federal e secretária estadual do Mulheres Republicanas, para receber a placa. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convidar a Sr.^a Fernanda Lordêlo, minha amiga e secretária Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude de Salvador. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a vereadora e presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Salvador, Ireuda Silva. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero convidar a minha amiga Sr.^a Heloísa Brito, delegada-geral da Polícia Civil do Estado da Bahia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Izabel do Carmo, defensora pública titular da 5ª Defensoria Pública de Defesa da Mulher. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a tenente-coronel PM Roseli Santana. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Itaijara Souza, presidente da Associação Mulheres Notáveis. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Marcela Pionorio, secretária do Mulheres Republicanas Bahia da cidade de Paulo Afonso. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Tia Adriana, vereadora do município de Santo Antônio de Jesus. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Millena Hungria, engenheira civil e integrante do Mulheres Republicanas Bahia do município de Wagner. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Fernanda Cerqueira, diretora de Políticas para as Mulheres da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude de Salvador. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Nada mais havendo, deputado José de Arimateia, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis e militares, das Sr.^{as} Deputadas e dos Srs. Deputados, da imprensa e declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.